

Redes sociais, pertencimento e a potência de mobilização: um estudo sobre sentidos de identidade e pertença dentro do grupo *Haitianos no Brasil*¹

Jonathan Pecho dos Santos²

Clarissa Sanfelice RAHMEIER³

Escola Superior de Propaganda e Marketing, São Paulo, SP

Resumo

Na contemporaneidade, as redes sociais são um local onde usuários podem postar, interagir e compartilhar conteúdos diversos, possibilitando também que os seus usuários possam entrar em grupos/comunidades de seu interesse. Segundo Castells (2014), esse ambiente virtual possibilita que os usuários se organizem em prol de uma problemática comum, desencadeando - através dessa ação comunitária - uma mudança social. Com isto em mente, o objetivo desse artigo é refletir sobre como os usuários do grupo *Haitianos no Brasil*, do Facebook, fomentam uma forma de movimentação social em suas postagens, observando, através da campanha #ReguraizaçãoJá e do discurso de sororidade, como a produção e consumo desses conteúdos acabam por interferir nos sentidos de pertença e identidade dos imigrantes haitianos que moram no Brasil.

Palavras-Chave: Identidade; Pertencimento; Redes sociais; Comunidade haitiana; Movimentos Sociais

Apresentação

O presente artigo é um recorte da pesquisa de Iniciação Científica conduzida por Jonathan Pecho dos Santos sob orientação de Clarissa Sanfelice Rahmeier - denominada *Identidade e pertencimento na produção e consumo de conteúdo visual nas redes sociais: um estudo de caso sobre os imigrantes haitianos no Brasil*. A pesquisa tem como objetivo analisar como, através da produção e do consumo de conteúdo visual nas redes sociais, a população de imigrantes haitianos no Brasil cria, sustenta e reforça seu sentimento de identidade e pertencimento. Já no presente artigo, o desdobramento analisado foi a produção e consumo de conteúdos virtuais voltados para movimentações sociais no ambiente virtual.

¹ Trabalho apresentado no IJ07- Comunicação, Espaço e Cidadania, da Intercom Júnior – XVI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Graduando do Curso de Ciências Sociais e do Consumo da ESPM-SP, e-mail: jonathanpecho@gmail.com ³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Ciências Sociais e do Consumo e Comunicação Social da ESPM-SP, e-mail: clarissasanfelice@espm.br

Redes sociais e a potência de mobilização

O homem tem necessidade de se comunicar, e é a partir da comunicação que ele se inseriu em uma sociedade (ARAÚJO, 2012, p. 2).

Ao longo da história humana é possível analisar diversas formas de comunicação e organizações grupais. Estes dois fatores foram se adaptando e transformando conforme as ferramentas e necessidades que as sociedades dispunham ao longo de sua história (ARAÚJO, 2012). Na contemporaneidade podemos observar que a internet foi um marco, modificando como a sociedade se comunica e organiza. De acordo com o sociólogo Manuel Castells (2001), a internet tem sido considerada a maior invenção tecnológica dos últimos tempos, isso em decorrência do seu poder de alcance, da compreensão do espaço-tempo, das informações em tempo real e, principalmente, na sua capacidade de conectar pessoas do mundo todo em questão de segundos. Castells (2002), em seu livro *A Sociedade em Rede*, argumenta que as transformações decorrentes da tecnologia na sociedade, levando em consideração toda a complexidade econômica e cultural, fizeram com que a tecnologia fosse incorporada pela mesma, podendo ser melhor compreendida por meio de suas ferramentas tecnológicas, entre elas, a internet. Segundo o autor, a internet é o meio de comunicação que consolida a interlocução de muitas pessoas que interagem em ambiente virtual, criando e estabelecendo laços pessoais e profissionais. Segundo Castells (2009, p.100 apud MOLINA, 2013, p.10-14), a “[...] internet, é um tecido da comunicação em nossas vidas: para o trabalho, os contatos pessoais, a informação, o entretenimento, os serviços públicos, a política e a religião”.

Neste ambiente virtual nascem as redes sociais, local em que a comunicação e a interação grupal convergem de forma única, possibilitando que seus usuários troquem experiências, entrem em grupos e compartilhem conteúdos de seu interesse. Sendo assim, essas redes são por si:

expressões de grupos sociais, de pessoas e instituições que estão permanentemente interconectadas pelas novas tecnologias de comunicação e informação. Elas expressam e tornam complexas as relações sociais já existentes, são utilizadas para integrar membros com interesses e ideologias ligados pela relevância de um determinado assunto e para proporcionar integração e interatividade através de comunicação e compartilhamento de conteúdo. (ARAÚJO, 2012, p. 5).

Entre as redes sociais na internet, o Facebook ganhou destaque nos últimos anos no Brasil. No ano de 2011, a plataforma contabilizou o registro de cerca de 35 milhões de novos usuários (ARAÚJO, 2012). Segundo Araújo (2012), esses usuários passam a utilizar a

plataforma para os mais variados fins: sociais, culturais e até mesmo políticos, o que possibilita novas formas de sociabilidade e comunicação entre os indivíduos.

Em seu artigo, Ramos e Bicalho (2016) apresentam uma rede de pesquisa, realizada por pesquisadores da comunidade europeia, chamado de Odyssey Group (HOGAN; ZIVKOVIC, 2005). Estes pesquisadores buscavam estudar a amplitude de ações que derivam do uso das mídias e redes sociais em prol de causas populares. Os frutos deste estudo destacam algumas funções sociais relevantes, sendo elas:

fornece um espaço comunicativo para a multiplicação de vozes de uma forma que não pode ser conseguida em tempo real e no território físico; promover a mobilização, inclusão social e ampliação da participação da população no desenvolvimento econômico e na gestão dos serviços públicos; e dar visibilidade para as causas sociais, de cunho político, ideológico. Além de apresentar um baixo custo e ter caráter redistributivo, as mídias e redes sociais favorecem a transmissão de informações para os atores fora das estruturas oficiais/formais nos quais eles se encontram (RAMOS; BICALHO, 2016, p. 196).

Portanto, o resultado da pesquisa do Odyssey Group demonstrou o potencial das redes sociais para a promoção de uma democracia participativa, na qual a web é um meio e uma ponte para a democratização do acesso à informação (RAMOS; BICALHO, 2016). Para o Odyssey Group (HOGAN; ZIVKOVIC, 2005 apud RAMOS; BICALHO, 2016), o discurso publicado e compartilhado nas redes sociais tem o potencial de superar os obstáculos da comunicação oficial ou da educação formal, potencializando novas construções semânticas e interpretações dos fatos que afloram das várias visões e perspectivas dos sujeitos que estão inseridos nesses ambientes virtuais.

Nesse sentido, os movimentos sociais contemporâneos ganham grandes proporções em decorrência da mediação midiática que a internet possibilita, proporcionando “ritos e padrões de participação e liberdade de expressão para os coletivos sociais” (RAMOS; BICALHO, 2016 p. 196). Esta relação entre redes sociais e movimentos sociais é abordada pelo sociólogo Manuel Castells (2014). Segundo o autor, uma mudança social envolve uma ação individual e/ou coletiva, sendo que essa ação tem em sua essência uma motivação emocional. No contexto das seis emoções básicas identificadas por neuropsicólogos (medo, aversão, surpresa, tristeza, felicidade e raiva), a teoria da inteligência afetiva em comunicação, argumenta que o gatilho para uma “movimentação” é a raiva, a repressão e o medo (CASTELLS, 2014, p. 127). Analisando essas 3 emoções, Castells argumenta que:

A raiva aumenta com a percepção de uma ação injusta e com a identificação do agente por ela responsável. O medo desencadeia a ansiedade, associada à evitação do perigo. Ele é superado pelo compartilhamento e pela identificação com outros

num processo de ação comunicativa. Então a raiva assume o controle, levando ao comportamento de assumir os riscos. (CASTELLS, 2014, p. 126-127).

Desta forma, Castells ressalta que neste cenário se desencadeia o processo de ação comunicativa que induz mudanças coletivas, prevalecendo assim, a mais poderosa emoção positiva: o entusiasmo, sensação que reforça a mobilização societária intencional. Segundo o autor, indivíduos entusiasmados, “conectados em rede, tendo superado o medo, transformam-se em um ator coletivo consciente.” (CASTELLS, 2014, p. 128).

Assim, segundo a reflexão de Castells (2014), para esses movimentos, a importância da internet torna-se relevante num contexto de sociedade em rede. Nele, os grupos têm a oportunidade de trocar informações e se organizar de forma independente, sem a presença de um olhar vigilante do Estado, reunidos nas mais distintas partes do planeta, indivíduos que pensam e defendem um mesmo ideal. Essa ação comunicativa virtual, em prol de uma problemática comum, se relaciona às relações sociais de apoio, criadas nessas plataformas digitais.

Apoio informacional e o senso de Pertencimento

Segundo as autoras Rosa e Benicio (2009), as relações sociais de apoio estão comumente relacionadas aos vínculos existentes entre pessoas, compostos pela rede de relações tidas como formais e informais. As relações formais seriam aquelas com profissionais conhecidos pela sociedade, como médicos, dentistas, professores, policiais, advogados e etc. (ROSA; BENÍCIO, 2009). Já as relações de natureza informal, são compostas por vínculos com todos os demais indivíduos, como família, amigos, vizinhos, comunidade etc., e têm como características marcantes a familiaridade e intimidade (ROSA; BENÍCIO, 2009); as autoras ressaltam ainda que estas relações informais são tidas com maior importância pessoal e afetiva pelos sujeitos.

O apoio social, no ambiente das redes sociais, relaciona-se com aspectos comportamentais e qualitativos das relações sociais. Segundo as autoras Rosa e Benicio (2009, p. 1), essas relações podem ser compreendidas por quatro tipos:

1) apoio emocional, que envolve expressões de amor e afeição; 2) apoio instrumental ou material que se refere aos auxílios concretos como provimento de necessidades materiais em geral, ajuda para trabalhos práticos (limpeza de casa, preparação de refeição, provimento de transporte) e ajuda financeira; 3) apoio de informação que compreende informações (aconselhamentos, sugestões, orientações) que podem ser

usadas para lidar com problemas e resolvê-los; e 4) interação social positiva que diz respeito à disponibilidade de pessoas com quem se divertir e relaxar (DUE, 1999).

Dessa forma, essa ação coletiva nas redes sociais fomenta uma rede informal entre esses usuários, utilizando do ambiente informacional para discutir e combater os estigmas presentes para o grupo social em questão. A criação desse senso de comunidade, se relaciona com os sentidos de pertencimento e identidade desses usuários, uma vez que essas redes possibilitam a identificação com grupos e páginas de interesse (HALL, 2019; NOBREGA, 2010). Na medida em que os usuários selecionam informações e identificam grupos e conteúdo de interesse, constroem uma imagem própria, inferindo diretamente na questão da auto representação destes sujeitos e grupos (LEONARDI, 2018).

Citando Badiou, Nogueira (2017) relaciona pertencimento à *apresentação* e inclusão à *representação*, categorizado como *normal* quando o indivíduo está, ao mesmo tempo, apresentado e representado (pertence e está incluído), como *excrescência* quando se está representado mas não apresentado (incluindo, mas sem sensação de pertença) e, como *singular* quando se está apresentado, mas não representado (pertence sem sentir-se incluído). O pertencimento está estritamente ligado à identidade do sujeito, mais precisamente à identidade cultural e nacional (HALL, 2019). Para tal compreensão é preciso, antes de qualquer coisa, explicar tais conceitos.

Segundo Hall (2019), a identidade do sujeito contemporâneo pode ser compreendida como uma “celebração móvel” (HALL, 2019), sendo continuamente formada e transformada em relação às formas que são produzidas e reproduzidas nos sistemas culturais vigentes (HALL, 2019). Portanto, a identidade do pós-moderno não pode ser considerada como algo fixo; ela é mutável e fluida, estando em constante construção, sendo influenciada por uma gama de fatores, dentre eles a ideia de uma identidade cultural, social e nacional. Na contemporaneidade, as culturas nacionais nas quais os sujeitos nascem se constituem como uma das principais fontes da identidade cultural. Desta forma, as identidades nacionais não nascem com os sujeitos, mas são formadas e transformadas no interior da *representação* (HALL, 2019).

Ao nos definirmos, algumas vezes dizemos que somos ingleses ou galeses ou indianos ou jamaicanos. Obviamente, ao fazer isso estamos falando de forma metafórica. Essas identidades não estão literalmente impressas em nossos genes. Entretanto, nós efetivamente pensamos nelas como se fossem parte da nossa natureza essencial (HALL, 2019, p. 29).

Logo, a nação não é simplesmente uma entidade política, mas algo que produz sentidos, sendo assim, um *sistema de representação cultural* (HALL, 2019). Assim sendo, os

indivíduos não são meros cidadãos legais de uma nação, eles “participam da *ideia* da nação tal como representada em sua cultura nacional” (HALL, 2019, p. 30).

As culturas nacionais são compostas, não somente de instituições culturais, mas também de símbolos e representações. Uma cultura nacional é um discurso que constrói sentidos e influencia na organização, tanto das ações, quanto da concepção que os sujeitos têm de si próprios. Os sentidos estão enraizados nas histórias contadas sobre a nação, memórias que conectam o presente com seu arcaico, constituindo imagens únicas desta nação; como ressalta Hall (2019), utilizando Anderson (1983), a identidade nacional é uma “comunidade imaginária”. Assim, a cultura nacional age como fonte de significados culturais. Um foco de identificação e um sistema de representação (HALL, 2019), buscando criar identidade através da diferença do “eu” com do “outro”. A construção dessa ideia é fundamental para legitimar a vulnerabilidade e a marginalização sobre a pessoa em estado de mobilidade, desencadeando assim, toda uma problemática às nações em como lidar com o migrante (NOGUEIRA, 2019).

Migração, Refúgio e pertencimento

No ano de 2010, o Haiti foi assolado por um terremoto de magnitude 7.3 na escala Richter, deixando sua capital - Porto Príncipe - e sua população, arrasadas. Esse fato mobilizou os haitianos a buscarem acolhimento em diferentes partes do mundo, principalmente no Brasil. Fenômenos migratórios desse tipo fazem parte do que Baeninger e Peres (2017) chamam de *migração de crise*.

A definição de migração de crise pressupõe um fenômeno condicionado socialmente e que reflete problemas econômicos, políticos, civis, ideológicos e humanitários. Assim, compreende-se que as condições sociais e históricas - agravadas pela catástrofe natural - vivenciadas pelo povo haitiano em 2010 promoveram um movimento migratório de crise (BAENINGER; PERES, 2017).

A vinda massiva de haitianos para o Brasil ocorre tanto pela negação de vistos para lugares como Europa e Estados Unidos, como também devido às políticas mais acolhedoras que o Brasil defende, exemplificadas na concessão do visto humanitário que o país adota. Alia-se a isso, o fato de que grande parte dos migrantes haitianos recebem o visto de refugiado quando chegam pelas fronteiras do Brasil, posteriormente pleiteando o visto humanitário (BAENINGER; PERES, 2017).

Segundo as autoras, a migração de crise não é apenas construída socialmente em sua origem, mas também revela a crise migratória no destino. Através de regime de controle migratório, restrições a imigrantes e suas diversas formas de regulamentação, como o visto humanitário no Brasil e, por consequência, os diversos desafios que estes imigrantes encontram aqui, tendo desde condições de vida precárias até dificuldade de acesso ao sistema único de saúde (BAENINGER; PERES, 2017).

Desta forma, o Brasil como destino da emigração haitiana, soma à migração de crise uma dimensão de importância: a presença brasileira na origem do fluxo migratório - através dos militares instalados no Haiti - foi um fator determinante para o governo brasileiro criar soluções normativas para documentar imigrantes haitianos com o visto humanitário e carteira de trabalho para entrarem, permanecerem e circularem de forma regularizada no país (BAENINGER; PERES, 2017).

Todo esse movimento migratório acaba impactando - em alguma medida - o senso identitário desses imigrantes haitianos, uma vez que estiveram em movimento migratório, “trocando” suas culturas nacionais por outras. Enfrentando nesse processo, desde o “embate” de novas identidades culturais que são apresentadas a estes, como também, o preconceito por serem de uma outra cultura nacional.

Nesse sentido, a ideia de Nogueira (2019) sobre os diferentes tipos de pertencimento se torna relevante. Segundo a autora, os imigrantes - na maioria das vezes - se encontram em uma situação *singular*. Eles se sentem pertencentes ao local em que vivem, porém não se sentem incluídos a ele e, essa não inclusão, pode se desenvolver pela não representação desses imigrantes pela cultura nacional, tanto no quesito governamental, por não fornecer o aparato legal necessário para promover a inclusão plena desses imigrantes - sendo um processo de regularização lento e burocrático, impossibilitando que esses sujeitos obtenham o apoio necessário para gozar dos direitos básicos de um cidadão brasileiro - quanto no “estranhamento” pelos sujeitos pertencentes a cultura nacional, dando margem ao preconceito, marginalização e discriminação.

Propondo que todo esse movimento migratório, em alguma medida, sendo assimilado dentro da identidade destes sujeitos. Essa percepção encontra respaldo na concepção de Hall (2019) sobre a identidade do sujeito pós-moderno: dinâmica e, ao mesmo tempo, fragmentada. Assim, a identidade, frente aos desafios, está se “moldando” à realidade que lhe é imposta, incorporando tais elementos na sua forma de ser e de identificar-se no mundo. De

forma que, mesmo os imigrantes que não se sentem incluídos, criam uma identidade comum, diferenciando-se de outros sujeitos.

Comunidade haitiana, redes informacionais e a potência de mobilização

Esses imigrantes haitianos no Brasil, que se encontram em lugares diferentes do país, encontram nas redes sociais a possibilidade de se relacionarem com outros imigrantes, podendo socializar, publicar e trocar informações e até criar vínculos nesse ambiente digital. Segundo Miller (2019), na contemporaneidade, as mídias sociais não devem ser vistas como uma simples plataforma nas quais postamos e compartilhamos informação, mas sim, como um lugar para as pessoas viverem e conviverem. O conteúdo do que é postado e compartilhado varia, consideravelmente, de região para região. Desta forma, cada grupo social terá um conteúdo próprio e particular, segundo Miller (2019, p. 5): “as mídias sociais em uma região específica não podem ser generalizadas, pois são restritas a um local em particular”.

As publicações aqui analisadas, compreendidas entre os meses de março e outubro de 2020, derivam do grupo do Facebook denominado *Haitianos no Brasil*³, que possui cerca de três mil e quinhentos usuários. A escolha do grupo se deu a partir de alguns pressupostos, sendo eles: estar relacionada de alguma forma com a cultura e/ou comunidade haitiana, ter um número considerável de participantes/seguidores, e ter um conteúdo pertinente para reflexão e análise deste grupo social. Ao ingressar no grupo, foi comunicado aos mediadores do grupo os objetivos da pesquisa, deixando claras as intenções dentro do grupo, pedindo e obtendo o consentimento quando necessário, sempre protegendo a identidade dos imigrantes nele inseridos (FERRAZ,2019). Uma vez dentro deste grupo, foi adotada uma postura de observação oculta (FERRAZ,2019), que consiste na não manifestação do pesquisador, o qual observa e lê ocultamente os fenômenos sociais que se desenvolvem dentro dessas redes.

A análise desse conteúdo se deu através do método da netnografia aliada ao campo de estudos da Cultura Visual, observando através do consumo de conteúdo visual - como posts, comentários e compartilhamentos -, aspectos que dizem respeito a visualidade desta população, analisando como o consumo dessa visualidade digital influencia no sentimento de pertencimento e identidade destes indivíduo (FERRAZ,2019). Por se tratar de uma análise

³ Disponível em: < <https://www.facebook.com/groups/388444191264376/about> >

netnografica, optou-se por separar o conteúdo coletado em categorias de análise, a fim de observar e interpretar melhor os padrões de comportamento desses indivíduos no ambiente virtual.

Desta forma, a comunidade haitiana brasileira nas redes sociais, compartilha um conteúdo exclusivo à ela, evidenciando através destas publicações, aspectos sobre sua própria identidade e visões de mundo. Nessas comunidades virtuais, é possível observar a ação dos indivíduos frente aos desafios que são comuns a estes, possibilitando que esses sujeitos fomentem diversas formas de debates e movimentações sociais (RAMOS; BICALHO, 2016). O resultado desta união é uma rede de acolhimento para esses imigrantes, um local em que eles podem se sentir livres para trocar experiência, ensinamentos e opiniões (SILVA, 2017).

Podemos ver esse tipo de mobilização social acontecendo atualmente em meio a pandemia causada pelo COVID-19. A campanha #RegularizaçãoJá, lançada por diversos coletivos de imigrantes no Brasil, tem por objetivo “pressionar” os órgãos públicos para acelerar o processo regulatório de imigrantes no país. Pois, como já foi salientado neste texto, o imigrante que não possui a documentação que o regulariza no país, não goza de diversos direitos e benefícios; dentre eles, o de acesso ao serviço público de saúde no Brasil. De acordo com a campanha, a:

regularização migratória vai permitir ter melhor conhecimento e realizar um seguimento adequado das pessoas imigrantes que possam estar com sintomas de Covid-19. Tendo em conta o rápido contágio que caracteriza essa pandemia, isso significa cuidar a saúde não apenas das pessoas migrantes em situação irregular, mas de toda a população do país (WARMIS, 2020).

Todos os sujeitos que aderiram à mobilização pelo site da Warmis, foram convidados a publicar em suas redes sociais a hashtag #RegularizaçãoJá, como forma de expandir a ação, e pressionar ainda mais os órgãos responsáveis. Aqui, podemos ver nitidamente o que Castells (2014) disserta sobre a ação coletiva em rede, em prol de uma mudança social.

Na comunidade virtual de haitianos, pode-se observar essa movimentação social a favor da campanha #RegularizaçãoJá. Impulsionados pelos três sentimentos “base” que Castells (2014) ressalta para a movimentação social (vemos a raiva, repressão e medo mesclados em uma só movimentação). Infere-se, a partir de suas postagens nas redes, que os imigrantes haitianos no Brasil sentem raiva - podendo ser chamada de insatisfação também - devido a sua situação no país, à demora para sua regularização ou ainda à repressão pela impossibilidade de ação, medo de uma possível deportação ou medo de não ser um cidadão

pleno, não podendo gozar de direitos básicos, como direitos trabalhistas e de saúde pública. Esses indivíduos, em rede, se movimentam em conjunto em prol de uma melhor situação social no Brasil, tornando-se o que Castells (2014) chama de *um ator coletivo consciente*. As publicações desta natureza estão expostas nas imagens 1 e 2, logo abaixo:

Figura 1- Publicação no Facebook da campanha #Regularização



Fonte: Captura de tela do grupo do Facebook *Haitianos no Brasil*. Acesso em: 23. jul. 2020

Figura 2 - Publicação no Facebook da campanha #RegularizaçãoJá



Fonte: Captura de tela do grupo do Facebook *Haitianos no Brasil*. Acesso em: 23. jul. 2020

Por consequência desta manifestação, a bancada do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL) apresentou, no dia 15 de maio deste ano, um Projeto de Lei que busca regularizar os imigrantes que estejam vivendo no Brasil. Em reportagem para Jamil Chade, do portal *UOL*, a bancada do PSOL aponta que o cenário pandêmico atual tende a "aprofundar ainda mais a exclusão e a vulnerabilidade que imigrantes e refugiados enfrentam", ressalta que "além de

prejudicar as condições de vida dessas pessoas, a irregularidade migratória ameaça a efetividade das políticas públicas no combate à pandemia e à crise econômica no país". Na mesma reportagem é exposto que a garantia para essa regularização é o acolhimento humanitário, hipótese que já é prevista na Lei de Migração. O grupo propõe que a lei de regularização estabeleça os seguintes pontos:

É concedida autorização de residência com fundamento na acolhida humanitária, em razão da pandemia de COVID-19 e seus impactos socioeconômicos, ao imigrante que, tendo ingressado no território nacional até a data de início de vigência desta Lei, independentemente de sua situação migratória prévia, assim o requeira.

O imigrante com processo de regularização migratória em tramitação pode optar por ser beneficiado por esta Lei, assim como o solicitante de refúgio que manifestamente expressar sua opção pela solução migratória prevista neste artigo (CHADE, 2020).

A ação conjunta desses usuários cria uma rede informacional de apoio, utilizando as redes sociais como uma ferramenta para lidar com problemáticas que sejam comuns a esses indivíduos, como é o caso da movimentação para a regularização desses imigrantes no Brasil. Através desta movimentação a favor da regularização dentro da comunidade virtual haitiana, é possível refletirmos em como as ações destes sujeitos em rede, publicando, compartilhando e comentando, podem alavancar uma mudança social, unindo indivíduos em diferentes lugares em prol de ações/movimentações sociais comuns.

Outra forma de mobilização social observada neste grupo, foi a do exercício da sororidade entre usuárias da comunidade. Segundo Migliano (2018), essa forma de discurso tem ganhado cada vez mais força no meio digital entre o público feminino. Nas palavras da autora:

A sororidade - termo derivado da palavra sóror, do latim irmã - pode ser considerada como a solidariedade feminina acionada nas práticas cotidianas e políticas, sendo, portanto, uma força de superação da competitividade entre mulheres. (MIGLIANO, p.4, 2018).

Desta forma, a sororidade parte do princípio que, a ação coletiva e cooperativa entre as mulheres seria uma forma mais efetiva de reivindicar direitos para esta população. Essa reivindicação se desenvolveria a partir do diálogo e apoio entre mulheres, acerca de temáticas relevantes a elas, na intenção de combater estigmas e preconceitos presentes na sociedade (ROSA, 2019).

Logo, a prática da sororidade entre essas mulheres estimularia o senso de empoderamento destas; segundo Rosa (p. 57, 2019) o grupo e/ou pessoa empoderada é “aquela que realiza por si mesma as mudanças e ações que a levam a evoluir”. Assim, essas

mulheres empoderadas, conectadas em rede, utilizam da sororidade para superar as problemáticas que entornam sua realidade. (MIGLIANO, 2018; ROSA, 2019).

Podemos observar algumas formas de sororidade no grupo do Facebook *Haitianos no Brasil*, em que mulheres postam vídeos, fotos e descrições sobre temáticas como machismo, visibilidade e empoderamento feminino, além de vivências pessoais. Logo abaixo, nas figuras 3 e 4, é possível observar alguma dessas manifestações no Facebook.

Figura 3 - Publicação de foto com descrição reflexiva sobre o papel da mulher nas relações conjugais no Facebook



Fonte: Captura de tela do grupo do Facebook *Haitianos no Brasil*. Acesso em 25. set. 2020

Figura 4- Publicação de vídeo reflexivo sobre machismo no Facebook



Fonte: Captura de tela do grupo do Facebook *Haitianos no Brasil*. Acesso em 25. set. 2020

Através destas publicações, é possível refletir sobre as motivações emocionais que impulsionam uma movimentação social (CASTELLS, 2014). Nesse sentido, essas imigrantes no Brasil sentem raiva/insatisfação e medo/ansiedade, com a realidade e repressão que enfrentam no seu dia a dia. Assim, essas mulheres, conectadas em rede, fomentam uma rede

de apoio informacional entre si, utilizando publicações de vídeos, imagens e textos na intenção de partilhar, refletir e orientar outras imigrantes que partilham dessas problemáticas/desafios. Além dessa rede de apoio informacional, essas usuárias acabam por incitar também uma rede de apoio emocional, na qual utilizam destas publicações - que estimulam a sororidade - para apoiar/ajudar outros sujeitos que se encontrem em situação semelhante.

Conclusão

As manifestações virtuais analisadas evidenciam a relevância da internet para a ação comunicativa virtual. Ação em prol de uma problemática comum, possibilitando que esses usuários, conectados em rede, ajam como um “ator coletivo”, desencadeando as mais diversas mudanças sociais (CASTELLS, 2014). Logo, através destas movimentações sociais, vivenciadas dentro da comunidade virtual haitiana, é possível refletirmos em como as ações em rede - publicando, compartilhando e comentando - podem alavancar uma mudança social, unindo indivíduos em diferentes lugares em prol de ações/movimentações sociais comuns.

Essa ação coletiva virtual proporciona uma rede informacional de apoio, utilizando das redes sociais como uma ferramenta para lidar com problemáticas que sejam comuns a esses imigrantes. Esse ambiente fomenta um senso de comunidade a esse grupo, o que acaba impactando nos sentidos de pertença e identidade desses indivíduos (NOGUEIRA, 2019).

Porém, essas publicações de cunho social, observadas no grupo do Facebook *Haitianos no Brasil*, demonstram o esforço desses imigrantes para conquistar uma melhor representação dentro dessas pautas. Esse esforço por representação, exhibe a condição *singular* que esses imigrantes se encontram, se sentindo pertencentes ao Brasil mas não incluídos, utilizando essas plataformas virtuais para “lutar” para uma melhor inclusão, na intenção de se sentirem mais pertencentes a essa nova cultura nacional que fazem parte (NOGUEIRA, 2019; HALL, 2019).

A discussão dessas pautas sociais evidencia o impulso desses imigrantes de se sentirem integrados com a cultura nacional brasileira, utilizando as redes sociais como uma ferramenta para reivindicar a devida visibilidade dentro do cenário nacional. Esse sentimento de “integração” demonstra uma fase do hibridismo cultural vivenciado por esses imigrantes haitianos no Brasil (HAESBAERT, 2012), demonstrando através deste conteúdo, aspectos próprios de suas vivências no Brasil, o que se relaciona com a “bagagem cultural” que esse

imigrante haitiano carrega consigo, formando assim, uma percepção cultural particular desse sujeito; resultante da articulação dialética entre o Brasil e Haiti (HAESBAERT, 2012).

Desta forma, todas essas movimentações sociais, nas comunidades virtuais haitianas, se relacionam com o sentimento de identidade e pertencimento destes, uma vez que estes sujeitos participam de um grupo exclusivo, lutando por causas comuns a estes, criando nesse processo um sentido de inclusão e identidade para o grupo, moldando essa identidade a partir da diferença com relação ao “outro” (NOGUEIRA, 2019; HALL, 2019).

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Cristóvão Domingos. “**Haitianos no Brasil e sua relação com a comunicação, o consumo e o trabalho.**” São Paulo, 2017.

ARAÚJO, Beatriz. **Redes sociais na Internet e novas formas de sociabilidade: Um estudo do Facebook.** Chapecó, Santa Catarina, junho de 2012. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2012/resumos/R30-1239-1.pdf>> Acesso em 11 de maio de 2020

BAENINGER, Rosana; PERES, Roberta. **Migração de crise: a migração haitiana no Brasil.** Belo Horizonte, p.119-143, jan./abril de 2017. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbepop/v34n1/0102-3098-rbepop-34-01-00119.pdf>> Acesso em: 06 de Mar. 2020

BAENINGER, Rosana; PERES, Roberta. Imigração haitiana em São Paulo: perfil e ocupação. **Imigração haitiano no Brasil.** São Paulo: Paco editorial, 2016. p.253-263.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em Rede.** São Paulo: editora Paz e Terra, 2002. Disponível em: <<https://globalizacaoeintegracaoregionalufabc.files.wordpress.com/2014/10/castells-m-a-sociedadeem-rede.pdf>> Acesso em 19 de maio de 2020

CASTELLS, Manuel. **Communication Power.** Nova York: Universidade de Oxford, 2009.

CASTELLS, Manuel. **Redes de Indignação e esperança.** Rio de Janeiro: editora Zahar, 2014. Disponível em : <https://ciberconflitos.files.wordpress.com/2014/10/castells_redes-de-indignacao-e-esperanca.pdf> Acesso em 19 de maio de 2020.

CHADE, Jamil. Covid-19: PSOL propõe regularização de imigrantes no Brasil. **UOL notícias**, 2020. Disponível em : <https://noticias.uol.com.br/colunas/jamil-chade/2020/05/15/covid-19-psolpropoe-regularizacao-de-imigrantes-no-brasil.htm?fbclid=IwAR3Sr-tZy86nDJyMebyGPdcUxYjWGYRq1RLp2m8ZnaE2a_a79yYxw0mI7Q> Acesso em 16 de Julho de 2020.

FARIA, Andressa V. de. Os haitianos e o refúgio Ambiental. **Imigração haitiano no Brasil.** São Paulo: Paco editorial, 2016. p.609-638.

FERRAZ, Cláudia. A etnografia digital e os fundamentos da Antropologia para os estudos em redes on-line. São Paulo: **Revista Aurora: arte mídia e política.**, v.12, n 35, p.46-69, jun-set.

2019. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/aurora/article/download/44648/pdf>> Acesso em 1 de maio de 2020.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. São Paulo, janeiro, 2019.

HAESBAERT, Rogério. Hibridismo cultural, “antropofagia” e trans territorialidade. **Visões do Brasil: estudos culturais em Geografia**. Salvador, volume 1, p. 27-46. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/8pk8p/pdf/barthe-9788523212384-03.pdf>> Acesso em: 27 de Setembro de 2020.

MIGLIANO, Milene. Práticas de sororidade em redes sociais da atualidade: uma proposição de etnografia digital. **IV Congresso sobre memória e sensibilidade**, Cachoeira, Bahia, 21,22 e 23 nov de 2018. Disponível em: <<https://www3.ufrb.edu.br/eventos/4congressoculturas/wpcontent/uploads/sites/19/2019/03/MIGLIANO-Milene.pdf>> Acesso em 24 de set de 2020.

MILLER, Daniel. **Como o mundo mudou as Mídias Sociais**. Londres, Reino Unido 2019. Disponível em: <<https://discovery.ucl.ac.uk/id/eprint/10079762/1/Como-o-Mundo-Mudou-as-M%C3%ADdias-Sociais.pdf>> Acesso em : 17 de Junho de 2020.

MOLINA, Márcia C. A INTERNET E O PODER DA COMUNICAÇÃO NA SOCIEDADE EM REDE: INFLUÊNCIAS NAS FORMAS DE INTERAÇÃO SOCIAL. **Revista Metropolitana de Sustentabilidade**, São Paulo, Volume 3, p.103-115, dezembro de 2013. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.fmu.br/index.php/rms/article/view/202>> Acesso em: 16 de maio de 2020.

NOGUEIRA, Nayara C. **Identidade, pertencimento e Inclusão nas Migrações: Reflexões e intersecções teóricas para uma Liberdade comum**. XIII Congresso Brasileiro Científico de Comunicação Organizacional e de Relações Públicas - São Paulo/SP - 06 a 09/05/2019. Disponível

RAMOS, Wilsa, BICALHO, Rute. Redes sociais e a cultura visual na formação online para voluntários da copa de 2014. **Televisão e Narrativas Digitais práticas culturais e de consumo na contemporaneidade**. São Paulo: Pimenta cultura, 2016. Disponível em: <[https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/22010/1/CAPITULO RedesSociaisCulturaVisual.pdf](https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/22010/1/CAPITULO%20RedesSociaisCulturaVisual.pdf)> Acesso em: 28 de Julho de 2020.

ROSA, Mariana. **Sororidade e empoderamento: uma análise do discurso feminista no Facebook**. São Carlos, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/11549/dissertacao_-versaofinal_marianarosa.pdf?sequence=2&isAllowed=y> Acesso em: 24 de Set. 2020.

ROSA, Tereza; Benício, MARIA. **As redes sociais e de apoio**. Repositório Usp, São Paulo, 2009. Disponível em: <[http://www.producao.usp.br/bitstream/handle/BDPI/14139/art %20ROSA As redes sociais e de apoio.pdf?sequence=1](http://www.producao.usp.br/bitstream/handle/BDPI/14139/art_%20ROSA%20As%20redes%20sociais%20e%20de%20apoio.pdf?sequence=1)> Acesso em: 22 de Julho de 2020.

WARMIS. **Campanha: Regularização Imediata, Permanente e sem Condições para imigrantes no Brasil**. Disponível em: <<http://www.warmismulheresbolivianas.com.br/blog/campanharegularizacao-imediate-permanente-e-sem-condicoes-para-imigrantes-no-brasil/>> Acesso em : 18 de maio de 2020.